XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil

2017

Vetores de expansão urbana: análise da cidade de Campinas (SP)

Ciro Ruiz Vicente da Silva*, Lindon Fonseca Matias

Resumo

Esta pesquisa teve por objetivo analisar o processo de expansão da mancha urbana campineira. É possível notar que este crescimento foi diferenciado para as diferentes áreas do município, merecendo destaque, por exemplo, o caso da região sudoeste da cidade, onde seu crescimento foi mais acentuado. Tal dinâmica, contudo, mesmo sendo específica ao território campineiro encontra paralelo em outras grandes cidades brasileiras, configurando um espaço intraurbano cujo crescimento horizontal foi complexo e fragmentado, e que trouxe problemas notáveis que interferem no cotidiano da cidade.

Palavras-chave: Expansão urbana, Uso e ocupação da terra, Campinas.

Introdução

Campinas conta hoje com uma população de cerca de 1.173.370 habitantes, número expressivo para uma cidade interiorana que demonstra, entre outros aspectos, o quão complexo é o espaço intraurbano campineiro. Sua evolução ao longo do tempo também foi complexa, sobretudo ao longo do século XX. Em 1965 a área urbanizada do município correspondia a 12,47% do território, em 2001 este número aumentou para 33,82%, culminando em 2016 nos 37,8%. Trata-se de um grande salto que foi possível de ser mapeado e analisado com o uso de geotecnologias.

Resultados e Discussão

Todo o desenvolvimento experimentado por Campinas durante os séculos XVIII e XIX, principalmente no que se refere aos períodos de produção de cana-de-açúcar e, posteriormente, de café (BADARÓ, 1996), tornou possível que durante o século XX Campinas se tornasse mais atrativa para investimentos. Disso resultou o grande crescimento industrial da cidade e seguindo este mesmo caminho, muitas pessoas vieram para Campinas. Baeninger (2001), entre tantos outros estudos sobre o processo de desconcentração industrial e populacional da Região Metropolitana de São Paulo e a metropolização de Campinas, mostra que entre 1970 e 1980 a imigração representou 65,33% do crescimento populacional da cidade, totalizando um incremento de mais de 188 mil pessoas.

Atraindo cada vez mais pessoas e dinamizando cada vez mais sua economia, o espaço urbano também foi se modificando e a área urbanizada foi crescendo. Neste sentido, é possível destacar áreas do município onde este crescimento foi mais acentuado do que em relação a outras e é aqui que ganha destaque todo o processo de produção gráfica e cartográfica.

Com o software ArcGIS 10.5 (MINAMI, 2000) e temas representando a mancha urbana campineira em diversos períodos, foi possível mapear o crescimento urbano de Campinas, quantificar este crescimento e identificar os principais fatores que influenciaram nas direções deste crescimento.

Com estes dados em mãos foi possível produzir um mapa de expansão da mancha urbana e gráficos que representam este crescimento, como o da Figura 1.

Figura 1. Principais vetores e direção de expansão da mancha urbana contínua em Campinas (SP) - metros.

Conclusões

Villaça (1998) afirma que há uma forte relação entre as vias urbanas e o direcionamento da expansão urbana por conta da acessibilidade. Sendo assim, é possível afirmar que, em Campinas, vias como as Avenidas Jonh Boyd Dunlop, Amoreiras e Rui Rodriguez e as Rodovias Anhanguera, Bandeirantes e Santos Dumont, além do Aeroporto de Viracopos, serviram como vetores de expansão urbana, com destaque para a região sudoeste, a que mais que cresceu ao longo da história da cidade.

Agradecimentos

Ao PIBIC/CNPq pelo fomento desta pesquisa.

BADARÓ, Ricardo de Souza Campos. **Campinas, o Despontar da Modernidade**. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1996.

BAENINGER, Rosana. Região Metropolitana de Campinas: expansão e consolidação do urbano paulista. In: HOGAN, Daniel J. (Org.). **Migração e ambiente nas aglomerações urbanas**. Campinas: NEPO, Ed. UNICAMP, 2001. p. 319-348.

MINAMI, M. Using ArcMap. ESRI: Redlands, 2000.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Fapesp, 1998. 373 p.